



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.04.02.p107-117>

Uma reflexão sobre o Reino de Deus em perspectiva profética

A reflection on the Kingdom of God in a prophetic perspective

Erike Santos Aristides*

Resumo

Este artigo se propõe refletir sobre o Reino de Deus em perspectiva profética. Uma proposta salvífica dinamizada por Jesus de Nazaré em determinado contexto histórico. Atualmente, os discípulos de Jesus Cristo são desafiados a testemunhar frente aos “sinais dos tempos”, um profetismo segundo os princípios do Reino de Deus, a fim de promover o amor, a inclusão social e a solidariedade para com os mais pobres. Trata-se de uma profissão de fé, fruto de uma experiência concreta com Jesus caminho, verdade e vida, cujo caráter profético de sentido evangélico, implica uma postura ética pastoral condizente com os valores do Reino de Deus, de modo que as iniciativas em prol desse discipulado se apliquem por meio de um itinerário analítico de ver, julgar e agir na realidade vigente. Neste sentido, a Fraternidade Missionária “O caminho” surge no seio da Igreja apostólica segundo um carisma, uma modalidade de vida cristã, que objetiva ressignificar os atos e palavras de Jesus Cristo no mundo presente, reintegrando à sociedade os jovens dependentes químicos, promovendo para eles e para pessoas marginalizadas experiências de espiritualidade.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Reino de Deus. Profetismo. Fé. Discipulado.

* Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Cursa licenciatura em filosofia pela Unifai – SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8592-6539>. Contato: crisologia.esa27@gmail.com.



Abstract

This article aims to reflect on the Kingdom of God stemming from a prophetic perspective. A salvific proposal promoted by Jesus of Nazareth in a certain historical context. Today, the disciples of Jesus Christ are challenged to testify to the “signs of the times”, a prophetism according to the principles of the Kingdom of God, in order to promote love, social inclusion and solidarity with the poorest. It is a profession of faith, the result of a concrete experience with Jesus as the way, truth and life, whose prophetic character of evangelical meaning, implies an ethical pastoral stance consistent with the values of the Kingdom of God, so that the initiatives in favor of this discipleship may be applied through an analytical itinerary of seeing, judging and acting in the current reality. In this sense, the Missionary Fraternity “The Way” appears within the apostolic Church according to a charism, a modality of Christian life, that aims to reread the acts and words of Jesus Christ in the present world, re-integrating young people from drug addiction to society, as well as promoting for them and for marginalized people spirituality experiences.

Keywords: *Jesus Christ. Kingdom of God. Prophetism. Faith. Discipleship.*

Introdução

A reflexão sobre conceitos e dados religiosos no âmbito pós-moderno encontram contribuições pertinentes na visão tradicional judaico-cristã do Antigo Testamento, acerca das categorias do divino cridas como reveladas nos relatos bíblicos e, sobretudo, à luz do Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo. Nesse sentido, o artigo em questão objetiva esboçar uma reflexão sobre o Reino de Deus em perspectiva profética. De início, falaremos sobre a esperança apocalíptica e profética desdobrada em perspectivas e características distintas. A profissão de fé será o segundo passo ao abordar alguns aspectos da vida e do ministério de Jesus, realizado em determinado período histórico, a fim de proporcionar ao público-alvo tanto uma releitura cristológica quanto implicações atuais. A pergunta norteadora que se coloca neste ponto é sobre o modo que, em tempos hodiernos, poderemos ressignificar os atos e palavras de Jesus Cristo. Enfatizaremos, no terceiro momento, o caráter profético, tendo como ponto de partida a pessoa de Jesus Cristo, que promoveu em seus discípulos a prática do amor e da generosidade, conduzindo-os à uma experiência de espiritualidade, não autocentrada, agregando os mais pequeninos e pobres na dinâmica do Reino de Deus. Posteriormente, a reflexão partirá da práxis teológica que se fundamenta em três princípios para sua aplicação no serviço pastoral, a saber: ver, julgar e agir. Por fim, apresentaremos o testemunho da fraternidade “O Caminho” dos Pobres de Jesus Cristo, articulado à proposta temática deste artigo. Tendo em vista o contexto presente, marcado por novas problemáticas, como, por exemplo: inúmeros jovens desempregados, marginalizados, inseridos na prostituição, dependentes químicos, afetados pela ausência de sentido existencial. O presente texto assume a perspectiva de que uma esperança efetiva para a realidade desses jovens pode ser contemplada dentro de vivências de espiritualidade como aquela promovida pela fé cristã. Disso decorre a compreensão de que há uma responsabilidade das pessoas cristãs em testemunhar a vida de Jesus de Nazaré de maneira coesa e profética. A partir dos relatos evangélicos, sobretudo a partir dos atos e palavras de Jesus, motiva-se um humanismo integral e solidário, que se oferece como contribuição à todas as pessoas.

A esperança apocalíptica e profética

Na atualidade, a definição de Reino de Deus está cada vez mais complexa, isso advém dos influxos e circunstâncias de épocas, devido a vicissitudes históricas, muitas vezes abordarem uma ideia ao sabor das conveniências de interesses de dominadores, em face dos dominados. A terminologia teológica, que diz respeito ao reino, requer uma hermenêutica atualizada, no intuito de ressignificar o real valor explícito na elaboração do conceito, a fim de estabelecer o que de fato o Reino de Deus representava na doutrina de Jesus, aplicada num processo construtivo de sentido para o presente momento.

A primeira instância a ser analisada, quando falamos do enfoque da mensagem de Jesus de Nazaré, consiste em evidenciar que Jesus não fez de si mesmo o alvo principal de sua pregação e missão. Jesus vivia a serviço de algo diferente de si mesmo, sempre impulsionado para além de suas razões subjetivas (SOBRINO, 1996).

O ministério de Jesus tornou-se uma boa notícia, denominada como Reino de Deus. Modo específico de atuar nas circunstâncias da época, desperta esperança escatológica, ainda meio que obscura e implícita à chegada do messias, caracterizada numa nova perspectiva de anúncio. Jesus radicaliza a visão profética de Deus do Primeiro Testamento e continua a retroalimentar as expectativas

já proclamadas no movimento empreendido pelo profeta João Batista, numa maneira completamente renovada (PAGOLA, 2013).

Comumente, em situações máximas de insatisfação ou crise sociais, políticas e religiosas, eclodem-se manifestações de eventos messiânicos, a partir de duas características: a visão apocalíptica e a profética. Ambas fazem menção à intervenção de Deus, porém, em perspectivas distintas.

A expectativa escatológica de catástrofe é, a meu ver, interpretação de anomia social. Nesta interpretação incorporou-se, ao lado dos fatos objetivos, a tradição sócio-cultural do judaísmo, p. ex., a apocalíptica. Por um lado, ela é reflexo da crise, por outro lado, ela libera forças para a sua superação: A fé em uma total transformação de todas as coisas favorecia a experimentação de novas formas de vida socialmente alternativas. Vários movimentos de renovação religiosos, entre eles o movimento de Jesus procuraram superar a situação anômica através de novas orientações. (THEISSEN, 1987, p. 81-82)

Perspectivas, no horizonte apocalíptico, restringem-se a uma visão pessimista da sociedade - marcada pelo pecado, ódio, morte, mal moral-físico. Entende-se que as calamidades existentes serão suprimidas, exclusivamente, pela instalação de um novo mundo (projeção extra mundo), ou seja, dada a constatação da perda da infraestrutura do cosmo e das pessoas, o que se espera é o julgamento final e, por fim, a instalação de uma nova terra e um novo céu.

Na perspectiva profética, o reino instala-se numa dinâmica obviamente contrária à concepção apocalíptica, porque a salvação de Deus aos homens, não obstante a esperança escatológica, acontece eventualmente no presente, precisamente no aqui e agora, através da proposta de conversão, ou seja, a transformação causada no interior de cada indivíduo, seguida de gestos concretos impulsionados a estabelecer uma inovadora realidade. Por esse viés, a esperança profética se concretiza na aplicação do direito e da justiça à luz da vontade de Deus. Portanto, o reinado de Deus, nessa concepção, não consiste em um território fisicamente específico, mas em uma ação social concreta na atualidade, sob um novo paradigma de comportamento. (MOLTMANN, 2009, pp. 26-27).

A eclosão da esperança messiânica provém da estirpe histórica de Israel, marcada, literalmente, por uma natureza política, condensada na formação e decadência da monarquia dinástica. Nos relatos bíblicos, especificamente em (1 Sm 8), encontramos uma breve síntese que evidencia aspectos antimonarquistas na história de Samuel e Saul. A formação de Israel caracteriza-se pelas doze tribos orientadas pela luz dos profetas carismáticos, pautada por juízes instituídos. Se analisarmos os relatos, constataremos, a princípio, o veemente desejo do povo de viver numa teocracia direta, ou seja, sob o domínio de Deus, em que Ele é o rei por excelência. Nesse contexto, governar em nome de Deus, pressupõe estabelecer a justiça e levar o direito a todas as nações vítimas dos sistemas escravistas. Contudo, observamos discordâncias, com relação à passagem do sistema tribal para o regime das monarquias presentes, desde a origem histórica da monarquia em Israel, mas dela eclodiu a esperança advinda de um rei-messias, segundo a vontade de Deus. (MOLTMANN, 2009, pp. 27-28).

No entanto, é preciso esclarecer que o reinado de YHWH não se limita ao aspecto “carismático”, mas fundamenta-se, sobretudo, na emancipação de toda e qualquer classe de escravidão, em vista de uma liberdade autêntica e responsável; enquanto a monarquia hereditária, em nível universal, alicerçava-se no domínio absolutista das terras, pessoas, cargos de autoridade política. Nesse sentido, a esperança messiânica está pautada na formação de uma monarquia salvífica, em prol do Deus da vida, e não baseada nas infidelidades dos reis, frente à exigência da unção divina.

O foco da monarquia regida em nome de Deus consiste em assegurar a libertação dos explorados, do contrário, ocupar-se-iam, simplesmente, de frequentes conquistas políticas, em vista do poder de Estado. É justamente dentro desse quadro dramático que ocorre o desdobramento em que se destaca a evolução da figura do rei para a figura do Messias. Esse fator elucida a recordação positiva

condensada na formação primitiva da monarquia teopolítica, sobretudo na tradição davídica. (BUBER, 1963, apud MOLTMANN, 2009, p. 29).

A tradição bíblica aqui considera que o governo de Deus não se baseia nos desejos dos homens, mas nos seus próprios, promovendo a paz, alargando a consciência dos marginalizados, em seus devidos direitos e deveres. Os pobres, em seus vários rostos, são os portadores autênticos dessa esperança messiânica porque se revelam injustiçados e oprimidos. O sentido pleno dessa expectativa se concretiza no definitivo reinado de Deus, vislumbrado em duas proporções: escatológica e profética. (SEGUNDO, 1997, p. 148).

As características básicas da apocalíptica constituem-se numa dimensão realista e existencial:

Quanto ao conteúdo, o que caracteriza a apocalíptica é uma longa história de experiência humana, experiência que não consegue mais esperar um melhoramento da história humana. O sofrimento e todos os fracassos de indivíduos e povos são irremediáveis, a tal ponto que levam a pensar que houve na origem da história humana uma queda no pecado, este rolando qual bola de neve através da história (4 Esd 4, 30; Baruc siríaco 23, 4). Assim, Satanás e seus asseclas ganharam poder sobre o mundo. Tais poderes do mal lutam contra os piedosos, os fiéis à lei; toda essa guerra visa a conquistar finalmente a Jerrusalém sagrada. Para nossa história humana, e partindo dela, não se pode mais esperar salvação [...]. (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 113.)

Qual a razão das inúmeras guerras, calamidades e injustiças diversas, perdas de identidades históricas? É justamente com essa temática que a apocalíptica se defronta e, conseqüentemente, busca uma resolução plausível, de acordo com as perspectivas, em relação ao contexto conflituoso e ao “mundo vindouro”. Espera-se, no entanto, um mundo literalmente inovador. Numa linguagem apocalíptica, a esperança do fim e a advertência à *metanoia* estão intrinsecamente vinculadas. Porém, na pré-apocalíptica, a advertência à conversão provém articulada à profecia, e isso pressupõe a exortação à conversão.

A esperança escatológica da iminência dos “últimos tempos”, na compreensão hodierna, é o anseio de um basta definitivo na história do sofrimento humano, ou seja, a emancipação de toda opressão, morte, catástrofe; em uma expressão otimista, remete-se à vontade de que se estabeleça um governo de paz e harmonia provindo diretamente de Deus, mesmo já tendo em vista os frequentes sofrimentos relatados na história do gênero humano. (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 113).

Não se pode, portanto, supor a priori que João e Jesus são dois profetas escatológicos, preocupados pela iminência do fim. Não podemos deixar-nos enganar pelo fato de que ambos falem da proximidade de um acontecimento: é necessário deter-nos e observar como cada um concebe esse próximo acontecimento. E aí percebermos, em seguida, que Jesus vai se separando do profeta escatológico por excelência: João Batista. (SEGUNDO, 1997, p. 148).

O Jesus histórico contradiz as expectativas dos idealizadores apocalípticos, segundo as quais o Reino de Deus seria estabelecido compulsoriamente com a vinda do Messias, sob seu governo implacável.

A profissão de fé

Jesus apresenta um projeto de sentido fundamentado em seu seguimento, aludindo, *a priori*, à concretização da vontade de Deus como resposta aos profundos anseios de significação humana (CASTILLO, 2015, p. 295-296). Esse discipulado é fruto de uma experiência efetiva com a pessoa de Jesus. Neste contexto, compreende-se que conviver com Cristo requer uma adesão radical à sua

mensagem. (ESTRADA, 2016, p. 21).

O seguimento de Jesus Cristo é uma profissão de fé, simultaneamente um itinerário e um programa de discipulado a ser vivido. (MOLTMANN, 2009, p. 74-75). A fé cristã, acredita que Jesus revela a Deus. Por essa razão, a narrativa da salvação é, de fato, uma história de seguimento. (BOMBONATO, 2007, p. 35).

Jesus de Nazaré, ao promover um método de seguimento, revoluciona os fundamentos do sistema estrutural judaico-rabínico. A relação entre mestre e discípulo derivada de Jesus aborda critérios, diferentes daqueles de sua época. Jesus elege os seus adeptos; o núcleo do seguimento é a pessoa de Jesus, e não mais a lei; introduz a autoridade em serviço, ao invés de ser servido; estabelece comunhão recíproca, entre mestre e discípulo; o seguimento contínuo não se limita ao tempo - espaço, ou seja, não tem prazo de validade semelhante a uma profissão provisória; e a finalidade consiste em não ser um tradutor hábil da lei, através de um ensino ordenado, mas permitir-se ser moldado por Ele, segundo o itinerário vocacional proposto. (BOMBONATO, 2007, p. 36).

Jesus é a referência indispensável para esse dinamismo peculiar de seguimento. A expressão *seguir* já denota a concepção de discípulo, ou seja, aquele que ouve o convite de Jesus e assume suas devidas exigências, sobretudo, no que diz respeito ao caráter comprometedor para com os pobres e excluídos. Os seguidores são inspirados nos mesmos sentimentos e anseios do mestre, na dinâmica salvífica do processo de libertação histórico-social. (BOFF, 1972, p. 16).

Diferentes níveis instrutivos para o discipulado, apresentados explicitamente na concepção de Jesus, incitam a interpretar a realidade atual e a procurar caminhos acessivelmente adequados, frente aos problemas familiares, pessoais, profissionais e religiosos. As insuficiências de posturas são evidenciadas, quando se procede de forma isolada, diante dos conflitos implicados em diversas situações locais. De fato, quando se exercita profundamente o caráter do serviço à alteridade, descobre-se o real e autêntico sentido da vida proposta no caminho Jesus de Cristo.

Após o evento pascal, ou a partir do período pós-pascal, eclode a formação da comunidade de fé no horizonte da ressurreição, em que os ensinamentos de Jesus assumem novo sentido, e a perspectiva de seguimento adquire uma enorme transfiguração, não obstante a preservação do sentido primordial. (ESTRADA, 2016, p. 23). Analisam-se os variantes fatores de experiências enriquecedoras, a partir de um processo múltiplo e não simplesmente isolado. Os discípulos de Jesus pensavam os fatos sucedidos, perscrutaram a respectiva vivência, numa perspectiva de busca de lealdade à fé em Deus e, conseqüentemente, seu domínio referente à morte, recapitularam os fortes eventos com Jesus, vividos de maneira recíproca. (DUPUIS, 2004, p. 76-77).

Esses dados favoreceram a manifestação de uma nova fé em Jesus, apesar da experiência vivida, com sua presença viva, pós-morte, resultado de uma pós-ressurreição, como único capaz de manifestar algo tão grandioso e súbito. (PAGOLA, 2013, p. 500). Conforme está explicitado:

A crucificação não podia apagar de um só golpe o que haviam vivido junto a ele. Em Jesus haviam experimentado Deus irrompendo no mundo de maneira nova e definitiva. Sua força curadora destruía o poder de Satanás e resgatava do mal enfermos e possessos, apontando para um mundo novo de vida plena. Sua acolhida aos últimos como os privilegiados do reino de Deus despertava a esperança dos pobres num Deus que começava a manifestar sua força libertadora diante de tanta injustiça e abuso. (PAGOLA, 2013, p. 502).

A fé na ressurreição impulsiona a comunidade de seguidores que desenvolve a esperança na ação do Espírito Santo. Estes seguidores buscam colocar em curso a construção do reino anunciado por Jesus, mesmo que não possa ser realizado de forma absoluta. “O primogênito dá lugar a seus irmãos para que eles continuem construindo a história, segundo o ideal do Reino de Deus”. (SOBRINO, 1985, p. 202).

O itinerário do Jesus histórico é exibido conforme um protótipo de discipulado. Ao recapitular o convite de Jesus e a íntegra correspondência dos próprios adeptos, conclui-se que a comunidade pós-pascal professa sua fé no Senhor ressuscitado e glorificado. Portanto, a expressão “seguir” se transfigura em uma conotação teológica que qualifica o tornar-se cristão; e, de fato, essa adesão ao Jesus ressuscitado suscita uma resposta de fé, congruente-compatível, e perseverante seguimento contínuo de Jesus, a fim de prosseguir sua autêntica motivação pela causa do Reino de Deus. (BOMBONATO, 2007, p. 50-51).

O caráter profético

A vida profética possui um caráter relevante, no que diz respeito à sua função, exercida em prol da edificação da sociedade. Essa modalidade de conduta profética combate as estruturas social, econômica e política que desfiguram o projeto de sociedade e de vida pessoal proposto por Jesus.

A partir do momento em que os valores evangélicos estabelecidos por Jesus Cristo, como meio de salvação integral de todos os povos, encontram-se deturpados e obscuros, em determinado tempo histórico, em razão da impertinente discrepância de condutas anticristãs, efetuadas, na maioria das vezes, pelos ditos “seguidores de Jesus”, completamente dissociados da prática da palavra de salvação, o testemunho profético de Jesus é negado. Não é suficiente uma espiritualidade voltada, apenas, para a salvação individual, sem ações expressivas pela misericórdia, amor aos excluídos, mas, sobretudo, por justiça social.

Portanto, faz-se necessário não só resgatar os relevantes personagens exemplares - emblemáticos da história, como também elaborar e aplicar respostas plausíveis para o atual contexto capitalista neoliberal dominante, em que dominam o lucro a qualquer custo, o mercado e que tem, como consequência, a geração de exclusão e miséria, daí a importância do testemunho profético. Entendendo profecia como denúncia das injustiças, resistência e anúncio de uma sociedade melhor para todos.

Testemunhos proféticos se caracterizam nas pessoas capazes de manifestarem o plano divino de salvação, em determinado tempo histórico, como alguns personagens bíblicos souberam encarnar o ideal profético, tais como: Abraão, Moisés e João Batista. O termo “profeta” deriva do grego *prophetes*, ou seja, “alguém que fala diante dos outros”; comumente, se refere a alguém que transmita uma revelação divina. Seja o testemunho de um fato ou de uma verdade - testemunho que se constitui, normalmente, na conversão de um indivíduo, articulado à veracidade que a certifica. Contudo, a expressão comum do termo em grego *martys* denota testemunho, ou seja, aquela pessoa se encontra decididamente disposta a sofrer a morte em virtude de seu testemunho. (SELLIN; FOHRER, 2007, p. 492-493).

O caráter profético assume uma segunda categoria de pregação, não somente como discurso retórico, mas também acompanhado da ação marcada de simbolismo, a fim de tornar o comunicado profético persuasivo e preciso. O profeta não fala em nome próprio, mas em nome de Deus, cuja expectativa profética se caracteriza numa força revolucionariamente concreta, visando a superar, por meio dos questionamentos e descontentamentos com a realidade existente, equívocos que degradam a dignidade do povo de Deus. (BREGGEMAN, 1983, p. 88).

Profetas buscam analisar o contexto social da época, em seus múltiplos aspectos, elaboram um senso crítico refletido à luz da palavra de Deus, frente à realidade, na busca de estabelecerem respaldo efetivo da justiça e do direito. Lutam, sobretudo, a favor dos oprimidos e marginalizados, e em condições deploráveis, causadas, na maioria das vezes, pelas negligências basilares dos governos totalitários e egoístas, que geram, conseqüentemente, concentração de maior número de oprimidos

pelas ditas “classes dominantes”, portadoras de grandes extensões de terras ou bens materiais, enquanto muitos estão sujeitos a viver desprovidos do mínimo necessário – como exatamente retrata o contexto dos profetas Amós e Oséias.

Esse caráter profético implica uma postura de comportamento radical frente às distintas demagogias sociorreligiosas, assim como no tempo de Jesus. O teor desse testemunho contradiz as estruturas dominantes que visam estritamente aos seus interesses e conquistas. Contudo, assumir esse percurso profético significa arcar com as nocivas consequências, como perseguições, por contrariar o sistema de governo e dominação partidária, o que resulta, na maioria das vezes, no martírio. “O martírio é o testemunho da fé consagrado pelo testemunho do sangue” (McKENZIE, 1983, p. 742).

Pastoral em perspectiva profética: o testemunho da fraternidade “O caminho” dos “pobres de Jesus Cristo”

Os meios e procedimentos que se exercem para determinados fins, comumente, classificam-se de método. Este itinerário denota um esforço empreendido para alcançar objetivos coerentes com o processo efetuado. Caminhos que se fazem para realizações de projetos, cujos resultados nem sempre são plausíveis, como se espera, apesar da intencionalidade implícita em determinada programação social.

A prática pastoral, utiliza-se, entre outros, do método: ver, julgar e agir; postulado por J. Cardijn, devido à praticidade do planejamento abordado, cujo itinerário traçado inclui o diálogo e a participação conjunta, tendo como seu fundamento, a práxis teológica. Seus princípios basilares abrangem três delimitados aspectos dialéticos. São eles: ver analiticamente a realidade; julgá-la, teologicamente, à luz das Escrituras; e agir, pastoralmente. Tais relevantes critérios contribuem para uma efetiva encarnação e aculturação do evangelho, em meio às múltiplas novas realidades culturais que se apresentam em nossos tempos. (BRIGHENTI, 2011, p. 208).

O segundo aspecto remete a uma fixa perspectiva do horizonte, com a finalidade de conectar-se à proposta do evangelho, e, conseqüentemente, idealizar um destino satisfatório, segundo a lógica do Reino de Deus. Contudo, faz-se necessário descartar toda e qualquer ótica trágica, dos fatores presentes, visto que isso impossibilita toda a probabilidade de um desdobramento de projeto à luz do evangelho. (BRIGHENTI, 2011, p. 211).

Torna-se evidente, para os atuais seguidores de Jesus Cristo, a responsabilidade de analisar e interpretar os “sinais dos tempos”, a fim de contextualizar, segundo o discernimento do Espírito Santo, os reais valores do Reino de Deus, vividos por Jesus, ressignificando seus atos e palavras para as novas gerações, em grande parte, dispersas pelo número excessivo de atrativos e desvios do essencial, a saber, quanto ao sentido da vida. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 33).

Dados esses argumentos, requer-se dos cristãos uma parcela de colaboração refletida à luz do evangelho, seguida, parcialmente, de comportamentos coesos, que visam à dignidade de todo o gênero humano, em totalidade e integridade, capaz de conduzir não somente àquilo que se compreende como captação do mistério de Deus, repleto de ternura e compaixão, como também, manifestar o sentido profundo da vida num conjunto propício de elementos, que compõem a dimensão da existência como um todo, através do seguimento a Jesus Cristo. (GAUDIUM ET SPES, 1997, N.1).

As estatísticas recentes enumeram bilhões de pessoas afetadas pela exclusão social decorrente do sistema capitalista global. Os programas desenvolvidos em prol da redução de danos, tais como os da ONU, tornam-se insuficientes mediante a enorme demanda aglutinada nas extremidades da sociedade. São fatores existentes, alarmantes, que evidentemente condicionam a alteração inevitável do índice de pobreza extrema, já encontrada em vários setores do país. As consequências originadas

dessa estrutura econômica estimulam maiores probabilidades de marginalização. (ABDALLA, 2011, pp. 218-219).

Fatos como esses, não obstante refletirem o retrato contemporâneo da civilização na qual estamos inseridos, apontam para os reais problemas de pessoas, sobretudo dos jovens, que, sem perspectivas, nem expectativas, são, na maioria das vezes, submersos no mundo do consumo e tráfico de drogas, prostituição, furtos, como alternativa aparentemente acessível e única de vida.

Esses dados evidenciam aspectos de um mundo cada vez mais caótico. Embora a crise de modelos dignos de imitação, de seguimento, seja um fator concreto, a tradição cristã acredita que a pessoa de Jesus pode configurar a base para uma espiritualidade que seja, ao mesmo tempo, significativa do ponto de vista existencial e engajada socialmente.

A fim de melhor ressaltar a proposta desta reflexão acerca do Reino de Deus na perspectiva profética, apresenta-se o caso da Fraternidade “O Caminho” dos “pobres de Jesus Cristo”, como possível exemplo de uma pastoral que se desenvolve pautada no discipulado de Jesus e em comprometimento profético.

Fundada pelo Pe. Gilson Sobreiro de Araújo, cujo carisma é “Jesus todo, e todo de Jesus”, originou-se, especificamente, em 23 de outubro de 2001, em Santo Amaro - São Paulo. Inspirada pela espiritualidade franciscariana, é composta por religiosos e casais que consagram suas vidas a Deus, dedicando-as ao serviço aos mais pobres: moradores de rua, presos, jovens inseridos na realidade das drogas e da violência. (SOBREIRO, 2008).

A comunidade portou o nome de Fraternidade Missionária “O Caminho” numa alusão aos primeiros cristãos, chamados “homens do caminho” (cf. At 9,1-2). O fundador almejava que os membros da comunidade não ficassem presos às estruturas para poderem, assim, “salvar vidas”, colocarem-se a serviço dos pequeninos do Reino de Deus, partirem em direção ao outro, em diferentes condições e, conseqüentemente, garantir o amor e a receptividade aos marginalizados e excluídos. Contudo, o desejo primordial do fundador consiste em que todos os membros da comunidade se tornem “bons samaritanos”. A comunidade aspira ao ideal franciscano de pobreza e fraternidade, agregado a um trabalho social concreto, dedicado aos jovens em situação de dependência química, no intuito de inseri-los numa das chácaras terapêuticas, a fim de, após nove meses, encaminhá-los para uma segunda fase de reintegração social. A Fraternidade “O Caminho”, além das pastorais efetuadas nas cadeias, ruas das cidades, atua na formação permanente dos grupos “Sede sóbrios”, “leigos”, “Juventude Caminho”.

Atualmente, a comunidade dos “Pobres de Jesus Cristo” completa dezoito anos de existência, já situada em vários estados do Brasil e missões *ad gentes* como: Argentina, Bolívia, Paraguai, França, Portugal, Costa Rica, El Salvador, Nicarágua, Canadá, África, Estados Unidos e Chile (O CAMINHO, site). O crescimento dessa obra gerada no seio da Igreja, na perspectiva de missão e evangelização, passa a contribuir, relevantemente, no decorrer do tempo histórico de existência, para frutos de conversão e santidade de vida, sobriedade dos adictos, redução de danos sociais, integração dos marginalizados e excluídos da sociedade.

Em outras palavras, o carisma em questão estabelece respostas emergenciais, no que se refere ao “grito dos pobres”, em diferentes níveis. Essa obra sinaliza, uma possibilidade de compreensão da presença do Reino de Deus, pautada no testemunho originado por Jesus Cristo, no serviço e doação aos esquecidos e abandonados, que se encontram às margens da civilização. Desde então, cresce, portanto, a credibilidade e o apoio de muitos membros eclesiais, como pessoas civis - leigos, que juntos assumem a responsabilidade comprometedora de mudar, significativamente, os rumos da história humana, marcada por sistemas corruptos, desiguais e excludentes – a fim de implantar estruturas alternativas de inclusão social e desenvolvimento integral humano.

Conclusão

Este artigo se propôs a refletir sobre o Reino de Deus na perspectiva profética, cuja proposta derivava de um novo protótipo de sociedade, suficientemente capaz de despertar novos cristãos, que ainda hoje buscam atualizar os atos e palavras de Jesus Cristo, para que todos os seres humanos tenham direito e acesso aos bens materiais, culturais e religiosos de uma vida digna.

A esperança de salvação integral na perspectiva de Jesus abrange a todos os povos e nações. Jesus de Nazaré ressignificou a história do gênero humano, por vezes, marcada pela escassez de sentido e vazio existencial. A profissão de fé dos apóstolos em Jesus Cristo inaugura um marco histórico para gerações futuras. A fonte impulsionadora desse fator substancial consiste, justamente, na caridade ativa praticada por Jesus, conforme escrito nos evangelhos bíblicos, sempre inclinadas aos mais atingidos pelo sistema tributário, de escravidão e trabalhos forçados.

Destacamos, no desdobramento deste trabalho, a natureza do caráter profético, bem como a aplicabilidade pastoral de seu discurso religioso-social a partir do método: ver, julgar e agir. E, para melhor elucidar esta reflexão, abordamos aspectos relacionados ao testemunho profético e evangélico da Fraternidade “O caminho” dos “Pobres de Jesus Cristo”, que é, dentre tantas outras profissões de fé, sinal visível do discipulado cristão, comprometido com a causa do Reino de Deus, em prol dos mais pobres e da dignidade humana.

Faz-se necessário, portanto, em cada momento histórico e conjuntura econômica, social e política, saber ressignificar o seguimento de Jesus Cristo, fazendo valer o serviço ao próximo, a misericórdia e a busca diária por uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. A Igreja como “Povo de Deus” e missionária, por excelência, conforme propõe o Evangelho: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura.” (Mc 16,15), corrobora este anúncio salvífico, frente aos novos desafios contemporâneos, através de diferentes modalidades de carismas e expressões de vida consagrada e laical, como instrumento palpável da ação misericordiosa de Deus, em vista da edificação do Reino de Deus.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BOFF, L. **Jesus Cristo libertador.** Petrópolis: Vozes, 1972.

BOMBONATO, V. I. **Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino.** 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

BREGGEMAN, W. **A imaginação profética.** São Paulo: Paulinas, 1983.

BRIGHENTI, A. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé.** 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CASTILLO, J. M. **Jesus: a humanização de Deus.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe Edições CNBB. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

DUPUIS, J. **Introdução à cristologia.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ESTRADA, J. A. **Da salvação a um projeto de sentido:** como entender a vida de Jesus. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

SOBREIRO, G. **Consagração:** conversão levada ao extremo. São Paulo: Palavra & Prece, 2008.

McKENZIE, J. **Dicionário Bíblico.** São Paulo: Paulus, 1983.

MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo:** cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

O CAMINHO. Site da Fraternidade “O caminho” dos “pobres de Jesus Cristo”. Disponível em: <https://ocaminho.org.br>. Acesso 10 ago, 2020.

PAGOLA, J. A. **Jesus:** aproximação histórica. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ABDALLA, M. Combate à pobreza ou nova economia? in OLIVEIRA, P. (Org.). **Opção pelos pobres no século XXI.** São Paulo: Paulinas, 2011 (coleção cidadania).

SEGUNDO, J. L. **A história e recuperação de Jesus de Nazaré:** dos sinóticos a Paulo. São Paulo: Paulus, 1997.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Academia Cristã Ltda, 2007.

SCHILLEBEECKX, E. **Jesus:** a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.

SOBRINO, J. **Jesus na América Latina:** seu significado para a fé e a cristologia. São Paulo: Loyola, 1985.

SOBRINO, J. **Jesus, o Libertador.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

THEISSEN, G. **Sociologia da cristandade primitiva.** Série: Estudos Bíblico-teológicos NT 10. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

Recebido em 03/03/2020

Aceito em 01/07/2020

Received 03/03/2020

Approved 07/01/2020